

KIERKEGAARD, Søren Aabye. *Øieblikket*, Nr. 1-10, Hans Reitzel Forlag

A/S, København, 1984

Tradução:

Álvaro Luiz Montenegro Valls e Marcio Gimenes de Paula¹

O INSTANTE n° 01

24 de Maio de 1855

ATMOSFERA

Platão disse, como se sabe, em algum lugar na sua *República*, que só se pode chegar retamente a algo quando chegam ao governo aqueles que não têm nenhum prazer em exercê-lo². O que ele quer dizer é que, suposta a idoneidade, a falta de vontade de governar é uma boa garantia de que se governará verdadeira e competentemente, enquanto que aquele que tem prazer em governar converte-se, com demasiada facilidade, em alguém que abusa de seu poder para tiranizar ou em alguém a quem o prazer de governar coloca em uma secreta relação de dependência daquele a quem deve governar, de modo que seu governo se converte num deslumbramento.

Esta observação também pode aplicar-se em outros casos nos quais importa que algo alcance fecunda seriedade: supondo que haja idoneidade é

¹ Álvaro Luiz Montenegro Valls é professor do Departamento de Filosofia da UNISINOS, alvaro.valls@gmail.com; Marcio Gimenes de Paula é professor do Departamento de Filosofia da UnB, marciogimenes@unb.br

² Livro VII, 520 d (nota dos tradutores).

melhor que o implicado não tenha o apetite. Pois, embora diga o ditado que o prazer conduz a obra, a verdadeira seriedade aparece, a rigor, somente quando um homem com idoneidade, contra a sua vontade, é forçado por algo superior a assumir o trabalho: com idoneidade contra a vontade.

Entendido dessa maneira, posso dizer que me relaciono corretamente com essa tarefa, a de atuar no instante; pois, Deus o sabe, nada é mais contrário à minha alma.

Ser escritor – isto sim é algo que me agrada; para ser sincero, teria de dizer que me apaixonei por produzir – mas, é bom notar: do modo como eu quero. Aquilo que tenho amado é justamente o contrário de atuar no instante; o que tenho amado é justamente a distância do instante, aquela distância na qual como um enamorado entrego-me aos pensamentos e, como um artista enamorado por seu instrumento, entretenho-me com o idioma, arranco-lhe as expressões que o pensamento reclama – bendito passatempo! Por toda a eternidade não poderia me cansar desta ocupação!

Disputar com os homens – eis o que me agrada, num certo sentido. Sou tão disposto por natureza para a polêmica que propriamente só me sinto em meu elemento quando estou rodeado da humana mediocridade e miséria. Mas com uma condição: que me seja permitido desprezar caladamente, saciar esta paixão que há na minha alma, um desprezo para o qual minha vida de escritor me tem dado ricas oportunidades.

Sou, pois, um homem de quem, em verdade, se pode dizer que não tem o menor prazer em atuar no instante – presumo que fui escolhido justamente por esta razão.

Se agora devo atuar no instante, então tenho de despedir-me de ti, oh, amável distância na qual eu não necessitava correr atrás de nada. Sempre tinha tempo, podia esperar horas, dias, semanas para encontrar a expressão exata à qual gostaria de chegar, enquanto que agora é preciso romper com tais considerações de um terno enamorado. E se agora devo atuar no instante, haverá uma quantidade de homens que me obrigará, ao menos alguma vez, a levar em consideração toda a futilidade acerca da qual a mediocridade discursa com grande importância e ar doutoral, todo o galimatias que a mediocridade traz ela mesma consigo e depois extrai daquilo que escrevo, toda a mentira e difamação às quais está exposto um homem contra quem dois poderes da sociedade se reúnem: a inveja e a obtusidade.

Por que quero, então, atuar no instante? Eu o quero, porque me arrependeria eternamente de não fazê-lo, e eternamente me arrependeria se me deixasse intimidar pelo fato de que a geração que agora vive achará decerto no máximo interessante e notável uma exposição verdadeira do que é o cristianismo, para depois ficar tranquilamente onde está, na ilusão de ser cristã e de que o cristianismo de brincadeira dos pastores é o cristianismo.

A RESPEITO DE “ISSO DEVE SER DITO”; OU COMO SE APRESENTA ALGO DECISIVO?

A objeção que eu formulei contra o estabelecido é decisiva. Com efeito, se alguém disser – e eu estou preparado para que até a pessoa mais bem-intencionada para comigo queira falar dessa maneira – “mas a objeção é assim

tão terrivelmente decisiva”, aí, eu poderia responder a isso: de outro modo não pode ser; ou eu poderia responder com as palavras de um dos meus pseudônimos: quando o portal da interioridade esteve fechado durante muito tempo e finalmente se abre, ele não se move sem ruído como uma porta interior que gira nos gonzos³.

Contudo, posso também explicar-me com mais precisão. Apresentar algo de decisivo – e esta é a tarefa – não se faz do mesmo modo como as demais coisas; e se então, além disso, a desgraça desse tempo consiste justamente neste “até certo grau”, o colocar-se em tudo até certo grau, quando esta é justamente a enfermidade, então se deve sobretudo atentar para que, na medida do possível, algo assim não aconteça, e o até certo ponto penetre aqui, com o que tudo estaria perdido. Não, algo de decisivo se apresenta diferente das outras coisas. Como o salto da fera sobre a sua presa, como o mergulho da águia na queda, é assim que se apresenta algo de decisivo: de repente e de um só golpe (com intensidade). E como a fera reúne astúcia e força: primeiro astutamente mantém-se muito quieta – tão quieta como nenhum animal doméstico consegue ficar; e depois se concentra totalmente em um só salto ou golpe – como nenhum animal manso pode concentrar-se nem atirar-se no salto: assim se apresenta algo de decisivo. Primeiro quieto – tão quieto nem o tempo o é num dia calmo, quieto assim só é antes da tormenta; e então explode.

Assim se apresenta algo de decisivo. E me acredite, conheço de sobra o defeito desse tempo, que é a falta de caráter, tudo até certo grau. Mas assim como “um escudo de aço polido como um espelho”, tão brilhante que “onde

³ Citação textual de “Culpado ou não culpado” dos *Estádios do caminho da vida* (nota dos tradutores).

bate o raio do sol, reflete com um brilho redobrado”, assim como o que tal escudo mais teme é a pequena mancha para que o escudo não deixe de ser o que era – pois basta a menor das manchas e já não é mais a mesma coisa, assim também algo de decisivo teme todo contato deste e com este “até certo grau”. Isto eu compreendo, e como não haveria de compreendê-lo eu que sou conhecido por todos, sou conhecido até pelas crianças na rua pelo nome de: ou isto ou aquilo⁴?

Vou dizer o que é “ou isto ou aquilo”, já que se supõe que devo sabê-lo. “Ou isto ou aquilo” é a expressão diante da qual os batentes das portas arrebentam e os ideais se mostram – encantadora visão! “Ou isto ou aquilo” é o sinal que dá acesso ao incondicionado – Deus seja louvado! Sim, “ou isto ou aquilo” é a chave do céu! E, pelo contrário, o que é, foi e será, a desgraça do ser humano? Foi este “até certo grau” de Satanás ou da miséria ou da sagacidade covarde que, aplicada ao cristianismo, o transforma – milagre invertido ou inversão milagrosa – o transforma num disparate! Não: “ou isto ou aquilo”! E assim como não importa a ternura com que se abraçam e se acariciam o ator e a atriz sobre o palco, já que nem por isso deixa de ser um acordo de teatro, um matrimônio de teatro: assim também todo “até certo grau” é teatral na relação com o incondicionado, abraça uma ilusão, só o “ou isto ou aquilo” é o abraço que alcança o incondicionado. E assim como (para comentar aqui o que só poderia me ocorrer de falar assim por causa do contraste com o que seguirá, para comentar sobre o gracejo da vida), assim como qualquer oficial que pertence ao séquito pessoal do rei carrega um sinal

⁴ Título da obra pseudonímica de Kierkegaard *Enter-Eller*, que pode ser traduzida por “Isto ou Aquilo” ou por “A alternativa”.

distintivo (distinção) pelo qual é reconhecido: assim todos os que, em verdade, tem servido ao cristianismo seriam marcados com “ou isto ou aquilo”, a expressão da majestade, ou da relação com a majestade divina. Tudo o que só é “até certo grau” não tem servido ao cristianismo, mas, talvez, apenas a si mesmo, e jamais pode honradamente exigir outra marca senão no máximo (como numa carta) “serviço real”; pois aquilo que é serviço de Deus é: “ou isto ou aquilo”.

JUSTIFICA-SE DA PARTE DO ESTADO

– DO ESTADO CRISTÃO! –

SE POSSÍVEL IMPOSSIBILITAR O CRISTIANISMO?

A própria pergunta não necessita de nenhum esclarecimento prévio para poder ser respondida. Qualquer um tem de por certo dizer a si mesmo que não se pode justificá-lo.

O que necessita ser explicado é que aquilo que o Estado tem feito e ainda faz consiste em, na medida do possível, impossibilitar o cristianismo⁵. E isto pode ser esclarecido muito fácil e brevemente; pois a situação de fato no país é realmente tal que o cristianismo, o cristianismo do Novo Testamento, não somente não existe, mas sim ficou, na medida do possível, impossibilitado.

⁵ Na Dinamarca a Igreja e o Estado estão intimamente unidos a ponto de o estabelecimento religioso certificar vários atos da vida civil. Exatamente aqui reside a crítica de Kierkegaard à cristandade (nota dos tradutores).

Supõe que o Estado empregasse 1000 funcionários⁶ que com suas famílias, portanto de forma pecuniariamente interessada, vivessem disso, de impedir o cristianismo; isso sim seria sem dúvida uma tentativa de, se possível, impossibilitar o cristianismo.

E contudo, este intento de impedir o cristianismo (que afinal teria a transparência a seu favor, ao querer de modo manifesto impedir o cristianismo) não seria nem de longe tão perigoso como o que ocorre de fato, que o Estado empregue 1000 funcionários que – a título de proclamar o cristianismo (justamente aqui está o perigo maior em comparação com o intento manifesto de impedir o cristianismo) – estão pecuniariamente interessados em: a) que os homens se denominem cristãos – quanto maior o rebanho, tanto melhor – que tomem para si o nome de cristãos e b) que parem por aí, jamais se inteirem do que é, em verdade, o cristianismo.

Com a existência desses 1000 funcionários sucede que, quando cotejada com o Novo Testamento, vê-se claramente que toda a sua existência é, cristãmente, um negócio duvidoso. É certo que se os homens não tomassem para si o nome de cristãos os pastores não teriam do que viver, mas proclamar o que de verdade é o cristianismo seria o mesmo que abrir os olhos dos homens sobre o fato de que a própria existência do pastor é um negócio duvidoso, e de que, ainda que o mestre no cristianismo receba algo para viver, o ser pastor não pode converter-se em um emprego real, carreira ou promoção gradual.

⁶ Número aproximado de pastores empregados pela Igreja Estatal na época de Kierkegaard (nota dos tradutores).

E isto, esta atividade, não ocorre a título de impedir o cristianismo, não é para isso que são pagos 1000 funcionários e suas famílias. Não, ela ocorre a título de proclamação do cristianismo, de difusão do cristianismo, de trabalho pelo cristianismo. Entre o de menos e o demais, que, aliás, tudo arruína, entre este de menos (que os homens não tomem para si o nome de cristãos) e este demais (que se inteirem do que é o cristianismo em verdade, e se tornem realmente cristãos), encontra-se – com a seriedade de equilibrista – o cristianismo da “cristandade”, o cristianismo oficial, da igreja estatal, da igreja nacional que, por certo, comparado com o do Novo Testamento, produz algo de numericamente assombroso: cristãos aos milhões, todos da mesma boa qualidade.

Não é isso então quase a coisa mais perigosa que se poderia tramar para, se possível, impossibilitar o cristianismo? “O pastor” está pecuniariamente interessado em que toda a gente se denomine cristã; pois cada qual (por meio do Estado como comissionado) é membro contribuinte, e colabora ao mesmo tempo para dar a todo o clero um poder palpável – mas nada é mais perigoso para o verdadeiro cristianismo, nada é mais contrário à sua essência do que fazer com que os homens tomem com leviandade o nome de cristãos, ensiná-los a menosprezar o ser cristão, como se isso fosse algo que se é facilmente. E “o pastor” está pecuniariamente interessado em que se fique nisso e que, ao tomar o nome de cristãos, os homens não se inteirem do que é o cristianismo em verdade, pois de outro modo decerto toda a maquinaria com os 1000 cargos reais e o poder clerical iria a pique – mas nada é mais perigoso para o verdadeiro cristianismo, nada é mais contrário à sua

essência que (este nascimento abortado) fazer com que as coisas fiquem nisso, que somente se tome o nome de cristão.

E é isto o que deveria ser trabalhar pelo cristianismo, propagá-lo, atuar em seu favor!

Há para mim algo de tão repugnante e revoltante nessa espécie de culto divino: cultuar a Deus zombando dele, que preciso me empenhar com todas as minhas forças, na medida em que eu consiga, para contribuir em evitar que tal coisa ocorra, e contribuir para que a multidão dos homens abra os olhos e veja como são as coisas e, desse modo, se evite que seja culpada de um delito do qual propriamente o Estado e os pastores a transformam em culpada – pois por mais leviana e presa aos sentidos que a multidão dos homens possa ser, ela tem nela, contudo, coisa muito melhor para que queira adorar a Deus desse modo.

Por isso, que haja luz nessa questão, que fique claro aos homens o que o Novo Testamento entende por ser cristão, que cada um possa assim escolher se quer ser cristão ou se, honradamente, de maneira sincera e sem reservas, não o quer ser. E que se diga em voz alta para todo o povo: para Deus no céu é infinitamente mais grato que tu reconheças com sinceridade – condição para que talvez pudesses vir a sê-lo – que não és e não queres ser cristão, isto lhe é infinitamente mais grato do que aquela coisa abominável de que cultuar a Deus seja fazê-lo de bobo.

Sim, é assim que deve ser feito; deve-se colocar luz na obscuridade em que se mantém a questão da igreja estatal e da igreja nacional. Em vez de observar com um respeito incondicional o que o Novo Testamento entende por ser cristão e colocar-se a pergunta: quantos cristãos podem haver aqui no

país, a relação é invertida dessa forma: há no país um milhão de homens, *ergo* um milhão de cristãos – e se nomeia, então, 1000 funcionários para viverem disso. E então um passo adiante, inverte-se a conclusão e se conclui: quando há 1000 funcionários que devem viver do cristianismo – e esses afinal nós temos – então tem de haver um milhão de cristãos, temos que manter rigorosamente que há um milhão de cristãos, caso contrário não poderíamos, de fato, assegurar o sustento de todos estes funcionários.

Assim, há 1000 funcionários com famílias que devem viver disso, *ergo* tem de haver um milhão de cristãos. A proclamação do cristianismo corresponde inteiramente, então, ao que foi dito (àquela espécie própria de embaraço em que nos metemos): atuar em prol do cristianismo se converte, como já foi dito, em fazer que os homens tomem o nome de cristãos e, ainda assim, contribuam para que tudo siga de igual modo, e é isto o que eu chamo de: se possível impossibilitar o cristianismo, com o que de novo (eu repito) se faz culpada a multidão dos homens de um delito, do qual de outro modo ela estaria livre, a título de adorar a Deus, fazê-lo de bobo. É isto que eu, apesar de só ter encontrado até agora pouca gratidão por amar os homens, me empenho em evitar de qualquer modo.

Eu entendo muito bem que quando a questão é tomada deste modo aparece uma pergunta muito séria sobre o sustento terreno e temporal desses funcionários (pois eles são sócios de um milhão de cristãos, uma quimera tão grande como a dos condados da lua). Mas nisso sou o homem mais condescendente e mais bem disposto, e longe de mim participar de certas chicanas que talvez sejam feitas da parte de certos políticos. Foi justamente para poder chegar ao centro do problema que eu tive de assoprar para longe,

Søren Aabye Kierkegaard

na medida do possível, as fantasias que o bispo Martensen havia começado a inflar sobre a suposta testemunha da verdade. Era preciso acabar com este repugnante disparate, antes de mais nada. Aí então se poderia – sejamos homens razoáveis! – aí se poderia falar sensatamente sobre uma questão muito séria em sentido estritamente humano. E assim creio que é melhor para todos. Para a espécie de pastores que temos fica verdadeiramente melhor não querer se fazer passar por testemunhas da verdade; pois se assim fosse, ora, o difícil problema se resolveria com infinita facilidade: basta retirar sem mais nem menos o seu salário e economizar sua pensão – uma testemunha da verdade tem de suportar, afinal de contas, essas coisas; e este achado acerca das testemunhas da verdade, de que os pastores seriam testemunhas da verdade – se não tivesse partido de um bispo, e de tal modo que resultou num achado tolo e escandaloso – se tivesse partido de um governante sagaz, por exemplo, de um ministro do culto que habilmente desejasse livrar-se do clero, teria sido uma ideia muito espirituosa.

TOMA UM VOMITÓRIO!

Parece que existem muitos que se impressionaram com os meus artigos em “*A Pátria*”⁷. Quiçá sua situação seja mais ou menos a seguinte: por um lado, eles se deram conta, ao menos chegaram a pensar se todo religioso não está numa situação extremamente lamentável; mas, por outro lado, há tantas

⁷ Entre Dezembro de 1854 e Maio de 1855, Kierkegaard publicou uma série de vinte artigos nesse periódico. Neles iniciou seu ataque aberto e frontal à Igreja oficial, ataque continuado nos dez fascículos de *O Instante* (nota dos tradutores).

razões para que prefiram não se entregar a esses pensamentos. Eles amam a ordem habitual das coisas, à qual não querem renunciar por nada.

Sua situação é mais ou menos como quando alguém anda com um gosto ruim na boca, com a língua grudada e com calafrios – e então o médico lhe diz: Toma um vomitório.

Da mesma forma, digo eu também: Toma um vomitório, sai da mediocridade!

Pensa por um instante no que é o cristianismo, no que ele exige de um homem, que sacrifícios requer, e que sacrifícios já lhe foram oferecidos, de modo que (como se lê nos relatos) até mesmo “tenras virgens” (que, ao contrário de nossas “virgens cristãs” não ocupavam seu tempo, seu pensamento, em saber se deviam vestir-se de azul celeste ou *coquelicot* para ir ao teatro) não recuaram horrorizadas, mas sim, encomendando suas almas a Deus, valentemente entregaram seus “delicados membros” à crueldade dos carrascos; pensa nisso por um instante. E torna para ti bem claro e patente, admite como é repugnante, contudo, viver como se a adoração *cristã* a Deus consistisse nisto: que numa hora de recolhimento um homem vestido de forma dramática se apresente e com horror em sua figura e com voz embargada de soluços, proclame que há um ajuste de contas da eternidade, um ajuste de contas da eternidade, a cujo encontro nós vamos – e que nós então, fora dessa hora de recolhimento, vivamos contudo como se simplesmente dever desdenhar uma ou outra das convenções, para nem falar da ascensão em sua carreira, de sua vantagem terrena, do favor da gente nobre etc., fosse considerado como algo que não ocorreria a ninguém, nem mesmo ao declamador, naturalmente, ou se alguém o fizesse, fosse castigado com a

declaração de que isso era uma espécie de maluquice. – Reflete: viver dessa maneira, nisso deve consistir o culto divino *cristão*? Então, o vomitório não faz efeito?

Bem, então toma mais uma dose! Torna para ti bem claro e patente quão repugnante é viver como se o seguinte fosse adoração *cristã* a Deus: que quando morre o declamador, então se apresenta um novo declamador com trajes teatrais e, numa hora de recolhimento, do púlpito, apresenta o morto como testemunha da verdade, como uma das verdadeiras testemunhas da verdade, um elo da santa cadeia: o remédio ainda não faz efeito?

Bem, então toma ainda uma dose: Torna para ti bem claro e patente, que viver de tal modo que quando então alguém disser “Não, de testemunha da verdade com certeza não se poderia chamar o falecido declamador” – que deva ser zelo *cristão* repetir com insistência e propagar ao máximo possível, julgar que quem se atreve a dizer tal coisa está manchando – escuta bem! – está manchando a lembrança de um homem de bem, violando a paz do sepulcro – escuta bem! – violando a paz do sepulcro etc., etc.

Não é que faz efeito? E então verás que logo ficarás bem, o mau sabor desaparecerá, isto é, concluirás que o todo está podre, algo que causa repugnância, que somente poderia ter efeito mesmo, como teria que ser, quando o bispo Martensen empregou a palavra: testemunha da verdade.

Deixa então fazer efeito; agradece a Deus e em seguida ao bispo Martensen por este vomitório extremamente proveitoso.

UM SUPLEMENTO

Em meu trabalho me aproximei tanto ao tempo atual, ao instante, que não posso prescindir de um órgão pelo qual possa dirigir-me instantaneamente ao nosso tempo; e eu o chamei:

O Instante

Se alguém a quem interessa a questão deseja assegurar-se, para sua própria comodidade, de maneira direta a recepção do que se publicar, pode combinar com o editor uma assinatura. Mas eu me reservo, em *todos* os aspectos, a *mais incondicional* liberdade. De outro modo, não posso fazê-lo.

Eu o chamo: *O Instante*. Contudo, não é algo de efêmero o que quero, tão pouco como era efêmero o que quis até agora; não, foi e é algo de eterno: pelos ideais, contra as ilusões. Mas, em um único sentido, tenho de dizer acerca de todo o meu trabalho anterior que sua hora ainda não é chegada; eu me situei afastado do tempo atual, inclusive muito afastado, e somente estive perto na medida em que este afastamento foi bem calculado e feito de propósito. Agora, ao contrário, tenho de me assegurar por todos os meios uma possibilidade de ser capaz de utilizar o instante.

Não convenço ninguém a subscrever; antes peço a cada um que medite muito bem antes de fazê-lo. Naquilo que se refere ao eterno, não se arrependeria de prestar atenção às minhas palavras, mas seria bem possível que se arrependesse no temporal. Peço que considere por si mesmo se o que

Søren Aabye Kierkegaard

ele quer é o eterno ou o temporal. Eu, que me chamo “ou isto ou aquilo”, não posso servir a ninguém com “tanto um como outro”. Estou de posse de um livro que é quase desconhecido no país, cujo título quero mencionar com precisão: o Novo Testamento de Nosso Senhor Jesus Cristo. Apesar de ter uma relação totalmente livre com este livro e não estar comprometido com ele, p. ex., por um juramento, ele exerce, contudo, um grande poder sobre mim, e me inspira um *horreur* indescritível de “tanto um como outro”.